

Entrevista com Manoel da Conceição

A poucos meses de completar 80 anos, o maranhense Manoel Conceição Santos mantém a firmeza que o levou a tornar-se um dos mais importantes líderes camponeses da história do Brasil. Suas raízes de resistência remontam ao Maranhão do século XIX – seus avós, descendentes de africanos escravizados, viviam como posseiros no Mearim, ameaçados por grandes proprietários de terras. Seus avós, pais e muitos outros familiares tiveram igual sina: foram expulsos das terras em que viviam e trabalhavam. Com pouco mais de vinte anos de idade, Manoel foi o único sobrevivente de um atentado a bala, executado por jagunços a serviço de latifundiários, depois do que fez juramento de dedicar sua vida ao combate da grilagem.

Na região do Pindaré, onde chegou fugido dos pistoleiros e da polícia a serviço da grilagem, foi um dos fundadores e se fez o mais destacado dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pindaré-Mirim, em 1963. Promoveu o combate ao avanço do gado sobre as terras dos lavradores e a educação popular, com a ajuda do MEB. A partir do golpe militar de 1964, passou a ser caçado como “comunista!” e “terrorista”. Foi preso diversas vezes como inimigo do regime. Durante um encontro do sindicato, a Polícia Militar invadiu a sede da entidade e fuzilou diversas pessoas. Manoel foi baleado na perna, preso e levado para a capital. Sem tratamento, teve uma perna amputada. Solto, voltou a mobilizar os lavradores do Pindaré. Novamente preso e levado para São Luís, em janeiro de 1972, foi entregue no mês seguinte às Forças Armadas. Passou até 1975 nos porões da ditadura, sob as mais cruéis torturas, em vários presídios militares, sem que se soubesse de seu paradeiro.

Nesse período, em diversos países da Europa e nos Estados Unidos, dezenas de comitês da Anistia Internacional exigiam sua soltura ao governo brasileiro. Até o papa Paulo VI solicitou informações e sua libertação ao presidente Ernesto Geisel. Julgado por um tribunal militar em Fortaleza (CE), foi considerado inocente, mas com a condição de deixar o país. Foi levado para Genebra, pela Anistia Internacional, onde viveu até 1979. Visitou e fez palestras em diversos países sobre a realidade brasileira. Retornou ao Brasil após a Lei de Anistia. Ajudou na reorganização da Ação Popular (AP), organização política da qual fazia parte. Foi um dos signatários do manifesto de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e seu terceiro filiado, antecedido somente pelo líder socialista Mário Pedrosa e por Apolônio de Carvalho, combatente da Guerra e herói da Guerra Civil Espanhola e da Resistência Francesa.

Foi, ainda, um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Responsável pela implantação do PT e da CUT no Nordeste foi candidato a governador de Pernambuco em 1982. Fundou em Recife o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (Centru), que foi implantado também no Maranhão, com sede em Imperatriz (MA), onde reside desde 1984. Nos últimos trinta anos tem participado ativamente das lutas políticas e sindicais dos trabalhadores rurais do Maranhão. Em junho de 2010, fez greve de fome no plenário da Câmara dos Deputados para protestar contra a aliança do PT com o PMDB de Sarney, no Maranhão. Foi premiado e condecorado por dezenas de instituições governamentais, sindicais e ONGs da área dos Direitos Humanos, educação, política, meio ambiente, dentre as quais, a Comenda de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara, do Senado Federal, em 2012, e o Prêmio João Canuto de Direitos Humanos, do Movimento Humanos Direitos, composto por artistas da televisão e do cinema brasileiros, em 2013.

Confira a entrevista:

Outros Tempos - Fale um pouco do menino Manoel da Conceição nascido no povoado Pedra Grande município de Coroatá.

Sou de uma família miscigenada. Nos meus antepassados há portugueses, negros, índios... da região de Coroatá. Todos eram lavradores; viviam da roça. Nasci no povoado Pedra Preta, município de Pirapemas, que nessa época pertencia a Coroatá. Meu pai chegou a Pedra depois que a família de meu avô foi expulsa do povoado onde morava e foi ali que conheceu minha mãe. Comecei a ajudar meu pai muito cedo. Com cinco anos, eu ficava em casa para ajudar a cuidar dos meus irmãos menores; meus outros irmãos iam com meu pai para a roça. Antes dos dez anos, eu já tinha aprendido a profissão de ferreiro, outra atividade do meu pai. Acordava de madrugada para manter aceso o fogo da forja. Fazíamos pequenas ferramentas para a agricultura e até armas para caça. Éramos posseiros... Vivíamos sob o jugo dos grandes fazendeiros... Principalmente do “patrão”, o dono do armazém que comprava toda a nossa produção do preço que queria; fornecia as mercadorias que nós precisávamos e era o dono de todas as terras ao redor. Meu pai tinha medo de desagradar essa gente. Ele não aceitava também que nós enfrentássemos os filhos dos fazendeiros, que viviam nos batendo. Se revidássemos, apanhávamos em casa... até o dia em que fabriquei uma soveia e a enfiei na mão de um deles...

OT – Quando o senhor muda para o Vale do Pindaré? As terras daquela região eram todas devolutas?

Fui para o Pindaré depois que a Polícia Militar fez um atentado em Pirapemas contra os lavradores que resistiam à expulsão das terras em que vivíamos. Mataram sete companheiros, mas o tenente que comandava a chacina e um soldado também foram mortos. Saí sem nenhum ferimento, mas passei a ser perseguido como um dos líderes dos lavradores. Então resolvi deixar Pirapemas.

Tinha muita gente indo para o Pindaré, porque lá havia muita terra devoluta e os problemas com o gado ainda não tinham chegado por lá. Mas eu fui mesmo para fugir, porque estavam me procurando, querendo me matar... Os jagunços e até a polícia, porque diziam que era eu quem incentivava os lavradores a enfrentar os fazendeiros.

No Pindaré tinha muita gente migrante, do Maranhão, do Piauí, do Ceará... Tinha muitos povoados novos, muita terra devoluta. Santa Inês ainda era um distrito de Pindaré-Mirim.

OT – Em Essa terra é nossa¹(1980) o senhor cita Antônio Pereira de Souza que entre 1960 e 1962 prometeu “mundos e fundos” aos trabalhadores rurais do Pindaré. Eleito vereador, se voltou contra vocês. Apesar de tudo que ele fez, não teria sido ele o causador, ou melhor, quem despertou no senhor o sentimento de luta contra esses “facilitadores”?

Nessa época eu era ainda muito ingênuo no campo político. Nossa luta era apenas contra o gado e os fazendeiros. Não tínhamos experiência com eleições e acreditávamos muito facilmente nas promessas dos políticos, nas palavras deles. O

¹ Essa terra é nossa, Editora Vozes, 1980, foi uma longa entrevista concedida por Manoel da Conceição a Ana Maria Galano, editada em forma de livro.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 304-307. ISSN:1808-8031

Antônio Souza foi apenas um dos casos. O pior foi o Sarney. Ele foi apresentado a nós por um pastor da Assembleia de Deus, dizendo que iria nos defender, que depois de eleito ia tirar o couro dos fazendeiros e iria resolver o problema do gado que comia as roças. Fizemos comício com ele em cima de caminhão, apoiando ele. No palanque jurava que ia nos defender... Mas depois que se elegeu nunca mais deu as caras nem nunca nos recebeu... Fez foi apoiar os fazendeiros e os grileiros e colocou a polícia para nos perseguir.

OT – Nos fale um pouco de seus embates contra os “grileiros” do Vale do Pindaré. É nesse período que ocorre o acidente com sua perna.

Os conflitos do Pindaré começaram porque os fazendeiros liberavam o gado para comer as roças dos lavradores. Então, nós começamos a enfrentar esses problemas matando o gado que comesse a roça. Era um problema que acontecia em toda a região e não adiantava reclamar para as autoridades. Ninguém fazia nada... Eles estavam do lado dos fazendeiros. A principal bandeira do sindicato era o combate ao gado que entrava nas roças e comia as plantações. Depois, quando vimos que não adiantava reclamar, passamos a matar o gado. Criamos um slogan: “gado come roça, come bala”. Nessa época eu era o presidente do Sindicato. Os companheiros me elegeram depois que o primeiro presidente renunciou, porque não aguentou a pressão dos fazendeiros e dos políticos e a perseguição da polícia. Por isso eu era o mais perseguido... Eles me odiavam; queriam me matar.

A minha perna... Em julho de 1968, nós tínhamos contratado um médico em São Luís, o Dr. João Bosco, que depois foi deputado. Ele estava nesse dia atendendo os lavradores, no povoado Anajá, fazendo consultas. A polícia chegou e começou a atirar. Acertaram minha perna direita e me prenderam. Me levaram para São Luís. Fiquei seis dias sem nem um curativo. Deu gangrena na perna e teve que ser cortada. O Sarney mandou um secretário dele me oferecer carro, emprego... Mas eu recusei. O meu tratamento foi custeado pelos meus companheiros do Pindaré.

OT – Qual sua versão para a construção da estrada Santa Luzia – Açailândia? Além do “progresso”² tão falado, quais os resultados concretos para os trabalhadores rurais dessa região?

*Manoel não conseguiu responder.

OT – Onde o senhor estava no dia 31 de março de 1964? Relate para nós sua experiência nos primeiros dias do Golpe. O senhor pode citar outras pessoas que militavam com o senhor?

Eu tinha ido para São Luís para participar de um ato da UNE. Quando souberam do Golpe, a reunião começou a se esvaziar, o pessoal foi saindo... Eu não sabia de nada... não sabia o que era “golpe”... Depois fui na casa dos companheiros, para me hospedar, mas onde eu chegava sempre diziam que a pessoa não estava. Fiquei vários dias andando sem rumo nas ruas de São Luís. O bispo dom Fragozo (Antônio Fragozo) me levou para o palácio da Diocese e me escondeu lá. Aí foi que eu fiquei sabendo que

² Em artigo publicado em 24 de novembro de 2013 (Coluna do Sarney) no jornal O Estado do Maranhão, o senador José Sarney destaca: “Meu programa de governo continha o projeto de romper a barreira da selva amazônica que nos separava do sul do Maranhão e do norte de Goiás”.

Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 304-307. ISSN:1808-8031

o Exército queria me prender, eu e a Regina, coordenadora do MEB. Saí de Luís escondido, num carro com umas freiras. Passei alguns meses escondido em Pedreiras. Depois voltei para o Pindaré. Cheguei lá o Sindicato estava fechado e a polícia estava me procurando.

OT – A ditadura civil-militar implantada no Brasil em 1964 com todas as atrocidades cometidas e de algum tempo para cá tem sido escancarada para a sociedade brasileira e que tem colocado lado a lado torturado e torturador, até agora não mencionou o Maranhão, o que o senhor pode nos dizer sobre isso?

A Comissão da Verdade agora está ouvindo várias pessoas do Maranhão... Pessoas que foram torturadas e familiares de pessoas que foram mortas. Acho que em breve vamos saber mais sobre os crimes cometidos contra os maranhenses pela ditadura.

OT – Alguns presos e torturados receberam indenização do Estado brasileiro. O que o senhor pensa sobre isso? O senhor recebeu?

A tortura provoca sequelas para o resto da vida da pessoa que é torturada... E também para a família. Afeta o lado físico e também o psicológico. Alguns passam anos em tratamento... Muitos nunca mais se reabilitam.

Sou favorável à indenização e acho uma miséria o que o governo pagou, perto de cem mil. Eu recebi, mas não paga o que eu faço de tratamento até hoje.

OT – O senhor é um dos poucos fundadores do PT vivo. O senhor continua petista? Qual sua opinião sobre o “mensalão” e toda essa transformação pela qual passou o PT. A prisão de alguns petistas históricos como disse Luís Nassif “encerrou um ciclo” da política brasileira?

Continuo petista, sim. O PT ainda é o partido da base dos trabalhadores. O PT tem a maioria das lideranças que lutam por justiça social, por cidadania, por direitos humanos... e eu fico com os trabalhadores. Eu ajudei a fundar o PT e quero continuar nele, lutando para que seja respeitada a carta de princípios que fizemos na fundação do partido.

Agora, essa questão de mensalão, eu não tenho dados para julgar. Não sei até que ponto é verdade. Mas se alguém fez, deve pagar.

OT – Gostaríamos de convidar o senhor para ministrar uma palestra aos alunos do curso de História da Uema a partir de março numa próxima ida a São Luís, podemos confirmar?

*Manoel está ruim de saúde, e a cada dia está perdendo a memória. Por isso, os familiares dele não estão permitindo que ele assuma compromissos nos próximos meses.